



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

FRANCISCA MARIA DA SILVA

**Mulheres do lar: Donas de casa? Histórias de mulheres na cidade
de Areia nas décadas de 1950 a 1960**

**CAMPINA GRANDE - PB
FEVEREIRO / 2009**

FRANCISCA MARIA DA SILVA

**Mulheres do lar: Donas de casa? Histórias de mulheres na cidade
de Areia nas décadas de 1950 a 1960**

Trabalho Acadêmico Orientado à
Universidade Federal de Campina
Grande- UFCG, como requisito para
conclusão do curso de Licenciatura em
História.

Orientadora: Prof^ª. (M.S) Uelba Alexandre do Nascimento

Campina Grande – PB



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

Fevereiro / 2009

FRANCISCA MARIA DA SILVA

Mulheres do lar: Donas de casa? Histórias de mulheres na cidade de Areia nas décadas de 1950 a1960

Trabalho Acadêmico Orientado à
Universidade Federal de Campina
Grande- UFCG, como requisito para
conclusão do curso de Licenciatura em
História

Aprovada em: _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a (M.S) Uelba Alexandre do Nascimento
(Presidente – Orientadora) Nota _____

Prof.^a (Dr.^a Regina Coelli Gomes Nascimento
(1.^a – Examinadora) Nota _____

Prof.^o (M.S) José Pereira de Sousa Júnior
(2.^o – Examinador) Nota _____

DEDICATÓRIA

Dedico essa nova vitória a **Deus**, que está presente em todos os momentos da minha vida, pois sem Ele não conseguiríamos alcançar nossas metas.

A Minha querida Mãe, **Helena Maria da Silva** (In Memoriam), que embora se foi num adeus eterno, acompanhou-me pelas lembranças e pela saudade, incontestável presença em todas as horas.

Ao meu meu Pai, **Pedro Antônio** e principalmente meus filhos e **Anderson e Andréia**, que sempre estiveram ao meu lado nos momentos que deles precisei.

Não poderia deixar de dedicar também este trabalho ao meu querido esposo **Carlos Antônio**, pelo incentivo constante, por compartilhar dos meus sonhos, como também pela compreensão diante de tantas ausências. Obrigada meu amor!!!

AGRADECIMENTOS

Tenho plena consciência, de que este trabalho só poderia ser realizado, com a ajuda de pessoas que muito me influenciaram, possibilitando o desenvolvimento desta pesquisa. Quero em primeiro lugar me desculpar se alguém que fez parte dessa jornada fica no esquecimento, pois nunca agradecemos por completo.

Vê-la publicada é viver de forma significativa, pois demonstra a preocupação que nós educadores podemos contribuir para um repensar das questões que envolvem a educação.

A Deus, por ter me concedido, através de sua bondade infinita, o potencial de concretizar mais uma conquista em minha vida, pois sem Ele nada seria possível.

Ao meu irmão Cibério e especial a minha cunhada Kátia que tanto me incentivaram nesta conquista.

A Ana e Rosa funcionárias da Coordenação do Curso de História pelo maravilhoso atendimento e paciência ao alunos durante o curso. E a **todos os professores** que passaram pela minha vida, em especial a Professora **Rosemerc Olímpio** que contribuíram para meu crescimento e que vieram enriquecer minha prática educativa.

A minha diretora Ivonize pela sua compreensão de entender a minha ausência em sala de aula para término deste curso.

A banca examinadora do meu trabalho, especialmente a minha orientadora **Uelba** que com sua competência tornou o caminho dessa elaboração mais suave.

Ans meus queridos amigos, Neuma, Marta, Josiane, Ana Paula, Simone, Daniel, Socorro Gouvêa, Ana Claudia, Socorro Lopes Mariceli, Rosângela, enfim a todos, pelos momentos de descontração (brincadeiras, fofocas e piadas) das quais rendiam muitas risadas durante o percurso ao qual fazíamos todas as noites, tornando-se menos enfadonho.

Em especial a Andréia dos Santos, minha amiga que com sua paciência e compreensão me ajudou muito na conclusão deste trabalho.

Não posso esquecer de Sr. João (Motorista) que com sua dedicação e cuidado dirigia o ônibus que me transportava todas as noites para a busca dos meus sonhos.

As amigas da Escola de Ensino Fundamental e Médio “Carlota Barreira”, pela amizade e apoio.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o comportamento feminino durante a infância, adolescência e fase adulta com o casamento, na cidade de Areia-Pb entre as décadas de 1950 a 1960, porque entendemos ser este o momento procurou romper com alguns valores da sociedade bem como, também mantê-los. Nesse trabalho procuramos a contribuição teórica de alguns historiadores que realizaram trabalhos sobre a mulher da camada popular, em especial as “donas de casa”. Para a realização do mesmo se fez necessária à utilização da História Oral como forma de dar voz a estas mulheres, através de seus depoimentos pudemos perceber suas angústias, temores e alegrias ao mesmo tempo em que reconstruímos suas vivências ao longo do século XX.

Palavras-chave: Mulher, infância, adolescência e casamento.

Sumário

Resumo.01
1.Introdução.03
Capítulo I. Visões Sobre a Mulher no Brasil nas Décadas de 1950-1960.04
1. O Ideal da Mulher Criada Pela Burguesia do século XX no Brasil.06
2. Condição Feminina na Paraíba: Mulher Macho?.....	11
2.1. Uma Nova Mulher Conquistando o Seu da Camada Popular.	12
3. A Cidade de Areia e o Mundo das Mulheres da Camada popular.	13
Capítulo II. Histórias de Casamentos: Um passeio pelas lembranças das donas-de-casa de Areia-Pb.21
4. Silenciar: amor ou medo?24
5. Retratos de saudades: modelos de mulher.27
5.1 Sonhos de Liberdade: A mulher emancipada?31
6.Considerações Finais36
7. Referencias Bibliográficas.....	37

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo, escrever sobre a memória familiar das mulheres através de lembranças e reminiscências de sua infância, adolescência e casamento. Para obtê-los entrevistamos pessoas em idade entre 60 e 80 anos no espaço social da cidade de Areia. Escolhemos como recorte temporal as décadas de 1950 a 1960 por entendermos se tratar de um período que fortemente definia papéis para homens e mulheres, bem podemos encontrar burlas a certas normas e valores. O método utilizado para tal, foi à história oral, onde através de depoimentos e relatos do vivido de mulheres e também de homens, pudemos escrever sobre suas vidas.

A idéia desta pesquisa deu-se a partir do interesse em encontrar respostas que explicassem a situação da mulher entre as décadas de 1950 e 1960. Folheando livros na biblioteca da escola em que leciono, sempre encontrava textos sobre mulheres ditas “ilustres” da cidade de Areia, no entanto, as donas-de-casa permaneciam no esquecimento. Seus nomes e suas histórias não haviam sido ainda escritas.

Mulheres simples, de vidas difíceis, amores sofridos, muito trabalho, essa era a pesquisa e a escrita que faltava naquelas estantes. A partir desta constatação podemos perceber que estávamos falando de uma “História das mulheres”¹ que durante muito tempo esteve esquecida da historiografia.

O trabalho está organizado em dois capítulos. No primeiro capítulo intitulado de “Visões Sobre a Mulher no Brasil nas Décadas de 1950–1960” procuramos abordar sobre a importância da memória e sua utilização a partir da História Oral, procurando redefinir seus espaços, vida em família quando crianças e adolescentes, percebendo em suas falas seus medos, angústias e alegrias.

A história Oral surge no século XX como um recurso metodológico que possibilita a chance de “dar voz” as minorias, que por muito tempo foram excluídas da história. No entanto ela não deve ser reconhecida como uma história verídica e imutável, mas como uma fonte para o estudo do passado e do presente. Como toda fonte precisa ser questionada, avaliada e interpretada.

O segundo capítulo, “Histórias de Casamentos: Um passeio pelas lembranças das donas-de-casa de Areia-Pb” buscamos reconstruir aspectos da trajetória de vida de

¹ Para isso ver BURKE, P. *A Escrita da História*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

algumas mulheres em suas vivências em seus lares como esposas e mães de família. Procuramos perceber estas mulheres a partir de suas opiniões acerca do casamento, infidelidade, preconceito contra elas e responsabilidade com os filhos.

Capítulo I

Histórias sobre a Mulher no Brasil nas Décadas de 1950 – 1960

Aconteça o que acontecer, quando uma mulher se torna mãe, todas as gerações comovidamente a proclamam bendita entre todas as famílias.

*Oscar Berthoudo*²

Hoje é possível encontrar várias obras específicas voltadas para o estudo das mulheres tanto em revistas, jornais, como também em monografias, pesquisas de pós-graduação, o que mostra o crescimento desse campo na historiografia brasileira.

Nas primeiras décadas do século XX, a sociedade brasileira sofreu uma série de transformações sócio-culturais, dentre elas a crescente necessidade de um modelo de mulher que era produzida pela família burguesa, marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Tal sociedade vivenciou mudanças que acabaram alterando formas de pensar e de agir e trouxeram consigo medos, novos olhares sobre o amor, o riso, e sobre as mulheres das camadas populares em seus vários aspectos, como infância, adolescência, namoro e casamento. Estas mudanças são significativas para se pensar essa mulher que se descortina na sociedade brasileira nas décadas de 1950–60.

Para entendermos melhor como viviam as mulheres nesta época, é preciso explicitar os modelos de mulheres construídas no século XX. Gradativamente, a mulher foi ocupando espaços que antes não lhe pertenciam, isso principalmente no pós-70 e anos 1990/2000. Sua primária condição de submissão à figura masculina não deixou de existir de forma plena nem mesmo nos dias atuais, nos quais se pode celebrar uma respeitosa independência da mulher, tanto no campo profissional, quanto social e econômico, mas é possível pontear várias conquistas emergentes no século XX.

Nas cidades fervilhantes do Brasil, principalmente Recife, São Paulo e Rio de Janeiro, era possível perceber as mudanças comportamentais e de aparências: mulheres vestindo roupas mais ousadas, saindo de suas casas sem a companhia de uma figura masculina, a leveza no andar, a ousadia no olhar, o flerte, o riso, o risco.

² BERLTHOLDO Oscar. Momentos de intimidade, Paulinos, 1989. São Paulo, 59p.

As concepções iniciais que definiam a mulher foram postas em cheque, de forma mais específica nesse estudo, durante as décadas de 1950-1960.

Em décadas anteriores, o Brasil, a exemplo de várias partes do mundo, assegurava à mulher um lugar de submissão à figura masculina:

Vários preceitos do Código Civil de 1916 sacramentavam a inferioridade da mulher casada ao marido. Ao homem, chefe da sociedade conjugal, cabia a representação legal da família, a administração dos bens comuns da casa e dos particulares da esposa segundo o regime matrimonial adotado, o direito de fixar e mudar o local de domicílio da família. Ou seja, a nova ordem jurídica incorporava e legalizava o modelo que concebia a mulher como dependente e subordinada ao homem, e este como senhor da ação. A esposa foi, ainda, declarada relativamente inabilitada para o exercício de determinados atos civis, limitações só comparáveis às que eram impostas aos pródigios, aos menores de idade e aos índios.³

Tomando a questão matrimonial a qual a citação faz referência, em estudos realizados sobre a história do cotidiano das famílias brasileiras entre as décadas de 1950 a 1960, percebe-se que o comportamento matrimonial no Brasil foi bastante alterado, mas ao mesmo tempo, alguns costumes prevaleceram. *Aumentou o número de separações e divórcios, conservou-se o da média das idades ao casar, e o papel das uniões não legalizadas cresceu na preferência das pessoas.*⁴ Algumas mulheres passaram a buscar uma maior liberdade dentro de seus lares e de certa forma foram “barradas” por seus maridos, outras preferiam deixar o lar em busca de seus sonhos embora fossem “atacadas” pela sociedade que até então não aceitava bem o divórcio.

Observando os dados apresentados pode-se perceber que o aumento das uniões não formalizadas quebra um dos tabus impostos às mulheres durante séculos: a sua sacralização. Homens e mulheres compactuam entre si, optando por não contrair casamento, mesmo ávidos do convívio comum. Dessa feita, a mulher sai do altar da divinização para o lugar reservado aos humanos, embora tais conquistas não possam representar ainda a sua total emancipação.

Inicialmente, tais práticas são realizadas entre as camadas mais pobres da população, sendo posteriormente assimilada por grupos mais abastados. Segundo Elza Bercó:

³ MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do Mundo Feminino*. In *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, Vol 3, 1998, 85p.

⁴ BERCÓ Elza, *Arranjos familiares no Brasil, Uma visão democrática*. In: *Historia da Vida Privada no Brasil*. São Paulo, 1998. Companhia das Letras, 78p.

Entre as décadas de 50 e 60, quando os estudos demográficos passam a ser realizados de forma mais sistemática, as uniões consensuais tiveram uma ocorrência maior nos estratos mais pobres da população, além de constituírem antes do divórcio, que (...) foi instituído em 1977, a única alternativa para uma nova união após a dissolução de um casamento civil. (...) De experimental pode se tornar definitivo, significando uma ruptura com valores e normas tradicionais.⁵

Mesmo que conquistas tenham sido realizadas, o que se percebe é que preconceitos e cobranças nas décadas de 1950 e 1960 continuaram pesando muito sobre as mulheres. Exemplo disso se percebe quando se analisa a situação da mulher dentro das relações matrimoniais. Caso houvesse a separação, os olhares maldosos e as piadas depreciativas as marcavam por toda uma vida, enquanto o homem era, até certo ponto, reintegrado sem maiores mazelas no scio social.

1. O Ideal da Mulher Criado Pela Burguesia do século XX no Brasil

Desde o Brasil Colônia o ideal de mulher preservado e difundido pela sociedade sempre foi o de uma mulher domesticada, com ares de submissão ao homem, doce, terna, controlada, materna, um sujeito sem muitos prazeres, embora fosse a realidade que conheciam e bem sabemos que muitas se não a maioria não contestavam esta ordem. A própria Igreja contribuiu para a disseminação de um discurso que colocava a mulher em um estado de submissão ao sexo oposto, quando enfatiza no próprio sacramento do matrimônio, o lugar da mulher no lar, como uma boa mãe e esposa, cautelosa, zelosa e responsável por um bom e longo casamento.

O ideal da mulher burguesa era ser, apesar de sua condição social, submissa ao pai e, posteriormente, após o casamento, submetida aos ditames do marido, devia ser dedicada aos filhos e marido, prezada, educada e disciplinada para o bem casar. Pois o casamento tinha uma idéia de proteção na qual o marido assumia a responsabilidade de sustentar a mulher que, anteriormente ao seu matrimônio, era mantida pelo pai.

As mulheres pobres cabia basicamente a mesma regra, sendo que essas, além do fato de serem mulheres, pesava também as poucas condições econômicas e uma boa visibilidade social. Mas, essa condição social, a escassez de viveres facilita, em muitos casos, sua inserção no mundo do trabalho, posto que, mesmo tendo a obrigação de manter a família, o marido

⁵ Idem, ibidem: 420p.

desse grupo de mulheres não conseguia um trabalho no qual ganhasse o suficiente para suprir as necessidades básicas de sua família, o que levava a mulher a se ocupar de trabalhos diversos para ajudar na renda do lar. Essas mulheres trabalhavam como tecelãs, fiandeiras, dentre tantas outras funções.

Mesmo ainda existindo um forte conservadorismo do ponto de vista social com relação à mulher, muitas delas possuíam maior liberdade principalmente as dos grupos populares, liberdade esta que se estende também para outros aspectos, como a liberdade sexual, que explica a quantidade de filhos ilegítimos que existiam no Brasil. Eram muitas Joanas, Marias, Severinas, mulheres que viviam no anonimato, mas que demonstravam para toda uma sociedade que seus tempos de aceitação à opressão e à desigualdade tinham chegado ao fim. Silenciosamente ou aos gritos, no anonimato ou se expondo, em grupo ou de forma individual, o que importava salientar era que a mulher das décadas de 1950 e 1960 mostravam que no Brasil a condição feminina seguia seu curso de mudanças significativas.

Apesar de possuírem lugares de destaque na vida social, levando-se em consideração a pouca visibilidade que a sociedade patriarcal de 1950 a 1960 dava à mulher, ela apresentou várias formas de resistência ao poder que minava suas criatividades, seus anseios de independência, suas necessidades de sonhos, suas buscas ideológicas. Ao contrário do que se pretendia, a mulher ousou ir de encontro à maré, nadando no sentido contrário. Muitas vezes consideradas subversivas, imorais, desrespeitosas, várias mulheres lutaram por um espaço, seja no mundo do trabalho, seja em suas posições familiares, que possibilitaram um avanço gradativo da condição da mulher na sociedade brasileira. Quanto ao período retratado, é interessante o que Carla Bassanez⁶ afirma:

As mulheres dos anos 50 no Brasil, mesmo sendo herdeiras de idéias antigas, mas sempre renovadas, de que as mulheres nascem para ser donas de casas, esposas e mães, sabiam da importância atribuída ao casamento na vida de qualquer mulher. Teria aprendido que homens e mulheres vêm o sexo de maneira diferente e que a felicidade conjugal depende fundamentalmente dos esforços femininos para manter a família unida e o marido satisfeito.⁷

A sociedade construiu o discurso de que as mulheres já nasciam com o seu destino traçado: serem donas-de-casa, esposas e mães, independente do grupo social ao qual

⁶ BASSANEZI Carla. "Mulheres dos anos dourados". In Del Priore Mary (org.) História das Mulheres no Brasil, São Paulo contexto 2006. 601 a 639p.

⁷Idem, Ibidem: 608p.

pertenciam, e que a felicidade da família dependia somente de seu grau de submissão, isto era o esperado de toda a sociedade da época, embora algumas mulheres tenham ousado e traçado caminhos próprios.

Antes de se tornarem esposas, donas-de-casa, as moças deveriam se comportar de acordo com as normas de moral social que classificavam as jovens em “boas moças” (aquelas ditas de família), e as “mal faladas” (que eram tidas como levianas). Claro que o objetivo disso tudo era preparar a mulher para ocupar o seu lugar pré-estabelecido pela sociedade, dentro do casamento. A única certeza que a mulher tinha era a maternidade, o casamento e o fato de que seria sustentada e protegida por uma figura masculina. Mesmo as mulheres tendo mudado o perfil na escolha do marido, ainda existia o consentimento da família, ou seja, o controle da mulher ainda era uma preocupação social.

É claro que as conquistas femininas das décadas de 50 a 60 do século anterior não aconteceram de maneira imediata. Um dos pontos que muito favoreceu para o despertar feminino foi a Segunda Guerra Mundial, principalmente na Europa. Com o fim da guerra, um grande crescimento urbano e industrial permitia maiores possibilidades educacionais e profissionais, tanto para homens, como para mulheres, o que possibilitava acesso ao trabalho, ao lazer, à informação e ao consumo para ambos os gêneros. Nisso, as mulheres vão deixando o lar e vão ocupar o seu lugar como profissional o que antes não ocorria tão frequentemente.

Entretanto, os papéis femininos e masculinos continuavam nítidos. A diferença permanecia forte. Apesar do trabalho fora de casa, a condição de inferioridade ainda era bastante visível porque ainda existia o preconceito, visto que o homem era o ‘chefe da casa’ e tinha a autoridade e poder sobre as mulheres, eram os verdadeiros responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. Este era o modelo de família que se estendeu do fim da Segunda Guerra Mundial até décadas posteriores. Mesmo que alguns estudiosos apontem uma menor rigidez sobre a mulher nas décadas de 50 e 60, levando em consideração anos anteriores, um homem não casaria com uma mulher “deflorada” por outro. Nesse caso, se acontecesse o casamento, este deveria ser anulado pela justiça, e a mulher seria punida por ter enganado o noivo. As moças “não-írgens” que pretendiam se casar ou pelo menos conservar o respeito social, procuravam manter sua condição em segredo.

Com relação ao aspecto da virgindade percebemos que atualmente houve significativas mudanças no que diz respeito à questão da virgindade, uma vez que a mesma não é mais uma condição necessária para o casamento. Hoje se percebe uma maior tolerância da sociedade ao fato da mulher não ser mais írgem, onde algumas famílias já até aceitam que suas filhas

possam ter relações sexuais com seus namorados, sem que isso venha afetar a sua honra nem de seus familiares.

Tal afirmativa ainda mostra a valorização da virgindade nos anos 50, sendo considerada como o selo de garantia de honra e pureza feminina. Tal condição não era aplicada aos rapazes que, pelo contrário, tinham que dá sinais de virilidade para ter o reconhecimento dos companheiros/amigos, além de outros membros da sociedade, inclusive das próprias mulheres. Ao rapaz cabia a obrigação de saber agir sexualmente dentro do casamento, enquanto a mulher tinha que ser conduzida pelo homem nas relações matrimoniais.

O namoro, apesar de ser considerado uma etapa preparatória para o noivado e depois para o casamento, tinha que ser praticado com respeito. As moças não namoravam apenas por aventura, e sim para um compromisso sério, que fosse possível um posterior casamento. Em alguns casos, pela proximidade da data do casamento, o noivo queria avançar e conseguir algo mais que beijos e abraços, só que nesse caso caberia a moça tentar frear esses avanços e conservar a sua virgindade até as núpcias.

Apesar de se estar tratando de um período não muito distante, entre as décadas de 1950 e 1960, o sexo ainda era visto com muitas restrições, por um pudor entranhado de décadas (e até mesmo séculos) que não permitia uma maior abertura quando em se tratando desse assunto. No tocante à pureza:

Era comum que as informações a respeito da sexualidade humana chegassem marcadas por censuras, reservas, silêncios e preconceitos. Mesmo os rapazes estavam sujeitos à desinformação e à falta de diálogo sobre o assunto.(BASSANEZI, 2006, 645p.).

Estas foram as grandes preocupações de alguns grupos sociais a este respeito, pois o seu objetivo era evitar algum problema no futuro, como no caso de uma gravidez indesejada fora do casamento. Na segunda metade dos anos 50 existiam revistas femininas, mas as palavras “sexo”, “relações sexuais”, “virgindade” e “educação sexual” não eram expressadas nem mesmo para as casadas. Isso não quer dizer que as moças não buscassem informações sobre sexo, mas as principais fontes eram as tias e amigas. Mesmo assim as mulheres, principalmente as que pertenciam à classe média, tinham um grande freio com relação aos assuntos e práticas sexuais.

À necessidade de se manter íntegra para a sociedade, cresceu entre as moças e seus familiares o receio da gravidez indesejada. Na década de 50, mesmo que em minoria observamos uma participação feminina no mercado de trabalho, especialmente no setor de serviço de consumo coletivo, em escritórios, no mercado ou em serviços públicos. Surgiram então mais oportunidades de emprego em profissões como enfermeira, professora, funcionária burocrática, médica e vendedora.

As novas possibilidades de trabalho propiciavam uma escolha. Tendo consciência das novas possibilidades, houve a consolidação de um novo tipo de mulher. Nesse período, além das mudanças ocorridas no campo de trabalho, percebe-se uma maior abertura também no interior da família e da sociedade, apesar do fato do trabalho feminino ser visto como um obstáculo para o bom desenvolvimento e organização da vida doméstica.

O lugar da mulher por muito tempo ficou restrito ao lar. No entanto, conquistas vieram ao longo dos anos, no Brasil dos anos 1950 e 1960 foi o nível de escolaridade das mulheres, melhorou consideravelmente o que provocou mudanças no seu status social. Muitas mulheres buscavam ajudar seus maridos, em trabalhos fora do lar, porém ainda permanecia muito forte na sociedade brasileira a essência e vocação feminina para o âmbito privado.

Ainda moldava-se o corpo e o comportamento feminino, de acordo com moralidades costumes e tradições. A mulher rompia com muitos obstáculos, mas permanecia ainda cercada de olhares vigilantes que lhes reservava regras a cumprir, junto a seu esposo e sua família como podemos observar nos seguintes ensinamentos:

Mantenha-se no seu lugar de honra, evitando a todo custo cenas desagradáveis que só servirão para exacerbar a paixão de seu marido pela outra... Esforce-se para não sucumbir moralmente (...) levando tanto quanto possível uma vida normal, sem descuidar do aspecto físico.
(O Cruzeiro: 04 de junho de 1960)

Estes eram os conselhos que traziam as revistas da época para as mulheres. Com isso é perceptível qual a posição que boa parte dos meios de comunicação da época resguardavam para as mulheres. O objetivo de tais conselhos era que a mulher permanecesse submissa ao seu marido, tratando-os sempre bem, mostrando que ela, na condição de esposa, era melhor que as amantes, só assim manteria o seu casamento. *Sorrir e não fazer cenas para o marido, a fim de evitar que, para fugir dessas cenas, não caia nos braços de outra e abandone de vez a casa.*(Jornal das Moças, 08 de março de 1956).

Em último caso, havia uma separação com desquite, só que na década de 50 não era permitido um novo casamento, e aquelas mulheres que tentavam ou viviam com outros homens sofriam bastante com o preconceito.

2. Condição Feminina na Paraíba: Mulher Macho?

Humberto C. de Melo⁸ diz que, a exemplo do que ocorria no restante do país, a família na Paraíba dos anos de 1950 a 1960 era patriarcal. O pater-família em alguns casos exercia sobre a mulher e os filhos um mando quase absoluto. As mulheres, principalmente, viviam segregadas, praticamente reclusas, saíam para raras visitas ou para a Igreja, sempre acompanhadas.

Tal análise possibilita a afirmação de que na Paraíba o “destino natural” das mulheres, independente de classe social e de cidade a qual pertencessem, era a mesma: ser dona de casa e obediente ao marido, sendo essa uma das formas de fazer com que muitas mulheres se sentissem constrangidas e inferiores, pessoas sem a capacidade de pensar e fazer o que quisessem.

Essa condição feminina de submissão à figura masculina perdurou um pouco mais que em outras regiões brasileiras, como na região sudeste, por exemplo, pelas necessidades do mercado de trabalho, que na Paraíba não foram tão significativas quanto em São Paulo, Rio de Janeiro e adjacências. A esse fato une-se a questão cultural de maior valorização à figura masculina, e que até hoje persiste, apesar dos inegáveis avanços no campo democrático conseguidos pelas mulheres paraibanas. Quanto ao casamento, desde há tempos essa submissão era sentida de forma veemente. Com relação a esse aspecto:

Eram acertados entre os pais dos noivos. A sociedade era predominantemente masculina. Os homens gozavam de todos os direitos, e isto desde que, rapazes, obtinham a benção paterna para tomar estado. Antes disso, porém, tinham liberdade para sair, ao trabalho, às lutas ou à farra. As moças, trancadas na camarinha, só deixavam o domínio paterno para se submeter ao marido, geralmente

⁸ MELO, Humberto C. de. Bases da sociedade paraibana escravidão, regime de família e propriedade, In: Paraíba conquista patrimônio povo: Por uma seleção de autores, João Pessoa, Grafset, 1993, 49-52p.

escolhido pelo pai. Ao menos que, por determinação ou por castigo, fossem para o convento.⁹

Tal citação vem a afirmar que no início do século XX, a questão do casamento e dos direitos femininos na Paraíba eram muito semelhantes às demais localidades brasileiras. No entanto, não podemos de forma alguma, generalizar e acreditar que não houve transgressões a essa ordem. Em alguns casos o pai e o noivo acertavam tudo, e os casamentos até podiam ser arranjados.

2.1. Uma Nova Mulher Conquistando o Seu Espaço na Casa e na Rua

Mesmo em meio a uma sociedade que ainda guardava resquícios de um tempo que definia papéis e lugares para homens e mulheres, elas, gradativamente foram se tornando mais ousadas. Na década de 1950, passaram a perceber que os atrativos corporais que possuíam deveriam ser um pouco mais explorados. Auxiliadas pelo uso de jóias e outros apetrechos, angariava espaços antes inimagináveis, como sair às ruas na companhia de amigas, ostentar suas vestimentas em sacadas de varandas, dentre outras atitudes que demonstram a busca cada vez mais pródiga de espaços na vida social, e que pudessem fazer com que elas se sentissem próximas do ambiente público.

No âmbito familiar, a mulher paraibana, mesmo que em alguns casos, ainda submissa às intervenções masculinas, buscava nova visibilidade, como opinar sobre o noivo a ser escolhido, buscar maior formação educacional, objetivar uma profissão, dentre outros aspectos. Essa mudança de comportamento e de ideais foi auxiliada pela difusão dos meios de comunicação, como a televisão que, apesar de pouco acessível nas décadas de 1950 a 1960, conseguiam fazer a diferença, influenciando muito no processo de emancipação da mulher que assume, cada dia mais, sua independência social, política e econômica, tanto na Paraíba quanto em outras regiões do Brasil, obviamente.

Essa independência almejada, que aos poucos se fazia visível não foi algo que ocorreu repentinamente ou sem conflitos. Os movimentos que levavam a uma maior emancipação da mulher paraibana eram realizados com sofrimentos, vistos como provocações, mas que permitiram às mulheres ocupar um espaço físico na cidade de Areia. É claro que esses espaços conquistados pelas mulheres começaram a incomodar

⁹ Idem. *ibidem*: 52.

os homens da época, visto que nos anos de 1950 a 1960 aos homens ainda cabia o direito de se divertirem nas noites com prostitutas, enquanto esperavam que as mulheres continuassem em seu lugar de inferioridade pré-estabelecido, esperando acordadas por eles, velando o sono dos filhos.

3. A Cidade de Areia e os Espaços das Mulheres Populares

Antes de se iniciar o desenvolvimento de tal análise, é necessário que se conheça o espaço onde se constrói essa teia, nesse caso a cidade de Areia, porque será no seu interior, a partir de suas particularidades, que algumas questões aparecem confirmando ou não as atuações na vida cotidiana das pessoas que a formam.

Tal cidade, situada no interior paraibano, seguiu os primeiros passos da maioria das cidades do interior do Brasil. Localizada no Planalto da Borborema, a uma altitude de 620 metros acima do nível do mar apresentando um clima que varia entre 10° e 30° onde a distância para a capital é de 118 Km. Foi pouso de muitos comerciantes que vinham negociar nas feiras locais. Em épocas passadas se destacou na produção da cana-de-açúcar, principal economia da região.

Não se sabe ao certo quando teve início à cidade de Areia, tudo indica que foi no fim do século XVII para o início do século XVIII. As primeiras casas eram mocambos de sapé. Muito cedo o povoado começou a crescer.

Areia foi, na primeira metade do século XIX, a cidade a afirmar sua vida política, fazendo parte de movimentos como a Revolução de 1817, a Confederação do Equador em 1824, Revolução Praieira e Quebra-Quilos.

Areia é o berço de muitos paraibanos ilustres que ajudaram a construir a história do Estado, dentre os quais se destacam: José Américo, Pedro Américo, Álvaro Machado, Tito Silva, João Machado, Horácio de Almeida, Monsenhor Walfredo Leal, Rodolfo Pires, Abdon Milanez, entre outros.

Mesmo a cidade se orgulhando de tão significativa história e representantes nas artes, na política e na religião, procurou a modernidade. Exemplo de tal afirmativa foi a criação da fábrica de fiação e tecelagem Arenópolis S/A, que funcionava fabricando fios em novelos e sacarias de algodão. O prédio constituía o típico exemplar da arquitetura industrial da primeira

metade do século XX. A Mesma surgiu como consequência do processo de industrialização, no período pós-guerra (1914-1918).

As mulheres da classe popular na cidade de Areia, sempre tiveram que conviver seja com as nítidas separações existentes na sociedade entre aquelas que vinham de famílias abastadas e aquelas que vinham de famílias pobres. Na cidade havia uma praça onde os jovens se reuniam para uma conversa, paqueras e no caso das moças abastadas mostrar para todos as suas roupas novas, enquanto que as moças pobres não tinham como se exibir tanto assim, uma vez que, ficavam restritas a uma parte da praça, não devendo ultrapassar seus limites, havendo uma parte da praça reservada para a elite e a outra para a camada popular.

A infância dessas mulheres não poderia ser esquecida, suas lembranças e reminiscências são parte de histórias de perdas, lutas e esperanças. Ecléa Bosi¹⁰, em sua pesquisa sobre memória define lembrança como sendo *um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Burilar, lapidar, trabalhar o tempo e nele recriá-lo, constituindo como o nosso tempo.*

O efeito de lembrar traz algumas idéias e inspirações que nos fazem entender os fatos, as relações, os acontecimentos, os lugares, um passado distante que se faz presente no momento em que as lembranças são revisitadas. Os idosos guardam muitas lembranças que, contadas, recordadas e registradas tornam-se documentos, fontes orais para gerações que não tiveram oportunidade de vivenciar determinado episódio, acontecimento social e cultural de uma época de uma determinada sociedade.

Em suas falas, percebe-se que são poucas as lembranças que guardam da escola. O que mais lembram são momentos de sofrimento, época de muitos trabalhos na roça ou até mesmo de algumas alegrias, pelo fato da memória se encontrar um pouco distante, algumas reminiscências são apresentadas. A maioria dos idosos entrevistados na cidade de Areia, durante sua infância tiveram pouco tempo de escolaridade, variando entre meses e quatro anos de permanência e frequência na sala de aula.

Nestes depoimentos, os idosos recordam o tempo em que estavam ingressando na escola, como também os que nunca foram para a escola como é o caso de Maria Estela¹¹, quando diz: *Nunca estudei, só fazia trabalhar e assim passei toda minha infância, trabalhando na roça junto com os meus pais.*(Maria Estela, 77anos). Entretanto, essa mesma dificuldade de não comparecer à escola é dita por seu João Clementino, quando ele afirma:

¹⁰ BOSI Ecléa, Memória e Sociedade, Lembranças de velhos, -3ª edição-São Paulo companhia das letras. 1994.

¹¹ Moradores da cidade de Areia que foram entrevistados para o presente trabalho: Maria Estela, João Clementino, Dona Rita, Dona Telvina, Dona Antonia, Dona Inês, Dona Violeta, Dona Palmira, Dona Maria da Penha e o historiador areciense Francisco Tancredo Torres.

não estudava, os meninos pobres não estudavam, só quem estudava era os meninos ricos, que tinham dinheiro pra pagar, e não existia estudo pra pobre (João Clementino, 80 anos).

Observando os dois depoimentos percebemos que as dificuldades de se ir à escola eram as mesmas tanto para o homem e a mulher da camada popular. Suas infâncias eram marcadas por trabalhos no campo, plantando e colhendo para o sustento da família. Quando o Senhor Clementino lembra que apenas os meninos ricos estudavam podemos perceber no depoimento de Dona Rita a concretização de sua lembrança. Ao ser indagada sobre sua infância a mesma recorda:

Minha infância foi maravilhosa. Meus pais cuidavam bem de mim, pois eles eram ricos e não faltou nada pra mim. Tinha do bom e do melhor. Quando pequena tinha uma babá que cuidava e brincava comigo. Nessa época eu não conhecia sofrimento nenhum e estudava no Colégio Santa Rita. (Dona Rita, doméstica, 60 anos).

Segundo Bosi¹², ao rememorar, o sujeito transfere suas experiências além de sua fala. Gesticula, move seu corpo, olhos e mãos, tecendo as suas histórias, tornando-as vivas e dinâmicas. Assim se expressou Dona Telvina quando disse:

Minha infância foi começar a trabalhar com sete anos de idade, porque meus pais eram da roça e tinham dificuldades de comprar roupa pra gente, então comecei a trabalhar na enxada e fazendo trança de chapéu...com oito anos já trabalhava fora com meus tios na roça, ganhando dinheiro e aí pro diante, trabalhando e ajudando meu pai, pois eram nove irmãos (Telvina, agricultora, 62 anos).

Dona Antônia tem lembranças parecidas, relatando que muitas vezes era impedida de comparecer às aulas, visto que ela entendia que o mais importante para mim era cumprir as tarefas já determinadas para os meninos. Em seu depoimento ela relata:

Minha vida junto com minhas irmãs foi de muito trabalho, a gente trabalhava muito na roça, carregava água da cacimba, lavava roupa, pisava o milho para fazer o mungunzá, torrava café, era uma vida de muito trabalho, nesse tempo a gente plantava, meu pai tinha um roçado muito grande. Lutava muito e não tinha tempo pra estudar. (Antonia, 65 anos).

Nessa narrativa é possível perceber a figura do pai como aquele que representa as relações de valores, num ambiente patriarcalista. Aliás, em todas as falas é possível se perceber a relação de submissão que os membros da família tinham com relação ao patriarca. Mas a figura masculina não se limita ao pai, as relações de submissão também são sentidas com relação a outros membros da família

¹² Idem, *Ibidem*: 21.

do sexo masculino, como os irmãos onde nem sempre podemos encontrar relatos de uma infância “colorida” e ociosa. A esse respeito, Dona Inês lembra-se:

Minha infância foi muito ruim. Meu pai era muito bruto, batia muito na gente. Com 14 anos fui lavar agave, ganhava dinheiro, mas meu pai não dava nenhum tostão pra gente, era só pra comprar comida. Eu e meus irmãos trabalhávamos de segunda a domingo... a gente não tinha liberdade de nada, somente trabalhar.(Dona Inês, 68 anos)

Lembranças de atitudes autoritárias, pessoas obrigadas ao trabalho desde a infância, forçadas pela condição de pobreza, tanto quanto pela autoridade do pai que se apoderava do trabalho de meninos, quanto pela forma de ajudar na sobrevivência individual e dos demais membros da família.

Em contrapartida, Dona Violeta, 71 anos apesar de ter tido uma infância muito pobre, ainda conseguiu ir para a escola. Ela diz: *estudei muito pouco, só até o terceiro ano primário, depois, tive que ir trabalhar, com 11 anos tive de ir trabalhar.* O mesmo aconteceu na infância de Dona Palmira de 69 anos ela relata: *Estudei muito pouco. Tive duas professoras ótimas, mas como meu pai não queria que a gente estudasse, só queria ver a gente trabalhando na roça, era muito difícil se estudar direito. Eu e meus irmãos tivemos uma infância muito sofrida.*

Ao rememorar essas lembranças, Dona Palmira revela o desejo que tinha de estudar. No entanto, seu pai, usando da autoridade paterna, legitimada naquela época impedia que ela se dirigisse à escola. Seu direito era cercado, não havia muitas opções para descumprir. A opção era aceitar o que o pai queria e em silêncio, porém, certas burlas ocorreram, não necessariamente todos aceitaram tais imposições.

A mesma situação foi vivenciada por Dona Maria da Penha, de 60 anos quando criança: *estudei um pouquinho, só pra aprender fazer meu nome, pois eu e meus irmãos tínhamos que trabalhar para ajudar em casa.*

O comportamento masculino representado na figura do pai se assemelhava. O silêncio era a única opção para aqueles que se diziam obedientes e queriam continuar com as boas relações com o pai. Alguns meninos do interior e em especial da cidade de Areia, quando não podiam ingressar nos estudos, quase sempre auxiliavam a família em pequenos comércios ou na agricultura. Assim, esse sofrimento continuava na adolescência também, como afirma Dona Inês 65 anos ao relatar que: *na adolescência continuava o sofrimento, pois não tinha liberdade de nada e nem direito a nada. Nosso pai não deixava a gente passear porque a gente trabalhava... roupa a gente só tinha duas: uma pra sair e a outra para ficar em casa.*

Situação semelhante viveu Dona Antonia 65 anos em sua adolescência, ela afirma: *depois chega o tempo da adolescência, a gente sem saber o que é adolescência, data de aniversário só sabia porque*

era a data. Mas não tinha comemoração nenhuma. Foi uma vida meio difícil, hoje não tenho saudades daquela vida.

O mesmo aconteceu a Dona Telvina, 62 anos que cresceu sem saber o que era adolescência. Ela lembra: *tive uma infância muito pouca e trabalhava muito. Meu pai não dava liberdade pra gente sair, só ir pra algum lugar se fosse com ele. E assim fui vivendo.*

Dona Estela também relata: *Quando eu era moça, tive uma vida muito simples, com muito respeito, ninguém via moça nenhuma sair de casa sem permissão dos pais, e nem sozinha. Ela só saía acompanhada com pessoas de família ou com sua mãe.*

Na década de 50, as moças que se consideravam de família, mesmo sendo pobres, só saíam acompanhadas com uma pessoa mais velha, de responsabilidade. Antigamente essas moças tinham respeito com todo mundo, principalmente com seus pais. Isso servia tanto para homens como para mulheres, jamais um filho diria não para um pedido do pai. Sobre essa situação, seu João Clementino demonstra que:

Eu sempre tive respeito com meus pais, e só tratava por senhor e senhora, ou pai e mãe, porque se desrespeitasse era uma pisa, na certa. Meu pai era um pouco grosseiro e não agüentava que um filho respondesse a ele. Ave Maria! Quando eu não queria fazer serviço para meu pai eu nunca dizia não, sempre dizia que estava com dor de barriga, dizer que não ia, jamais! E outra coisa muito importante era o respeito que a gente tinha com os pais, bem diferente dos filhos de hoje, que pai e mãe são a mesma coisa que nada. (João Clementino, 80 anos).

Sobre o respeito que os filhos tinham com os pais, Dona Maria da Penha 60 anos nos diz que: *As moças eram muito obedientes aos pais. Se eles não deixassem, ninguém sairia, se vestiam muito bem, diferente de hoje, que as moças andam quase nuas.*

Falando em respeito que os filhos tinham com os pais, Bassanezi afirma que: as moças de família eram as que se portavam corretamente, de modo a não ficarem mal faladas. Tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual e não se deixavam levar por intimidades finais com os rapazes.

Em Areia não poderia ser diferente, quando se fala em moça de família, seja da classe que for, o respeito era igual, elas tinham que se respeitar para não envergonharem sua família. Em outro momento, seu João Clementino falou sobre esse respeito:

Antes as moças até no vestir eram bonitas, bem trajadas, as mangas dos vestidos cobriam os braços, as saias longas eram um respeito total. Falando nisso me lembro de uma namorada que se chamava Nevinha. Como eu gostava dela! Foi uma pena não casar com ela. Um dia eu estava conversando com ela numa capoeira baixinha, eu de um lado e ela do outro, não conversei nem dez minutos, quando pensei que não,

chegou o velho bem atrás de nós e disse: hei rapaz, que arrumação é essa? Vocês se casaram aonde? Pra casa bicha sem vergonha! E você, seu moço, me respeite que eu tenho idade de ser seu pai, e eu mereço respeito.” (João Clementino, 80 anos).

Essa era a forma esperada pela sociedade namoro do momento em questão. Namoro nas décadas de 50 e 60 era contemplação, conversa, um ato de pegar na mão de vez em quando. Dona Inês lembra: “comecei a namorar, claro, bem diferente do de hoje em dia, pois ele vinha na minha casa de oito em oito dias, e ficava na sala, conversando com os meus pais, e eu ficava na cozinha, fazendo café. Naquele tempo não tinha aquele negócio de agarramento, como hoje tem”. (Dona Inês, 68 anos)

Apesar de toda a censura e cuidado dos pais, ainda havia muitas desobediências. Dona Mariana relata: “com 16 anos fugi de casa com um rapaz, eu nunca namorei com ele, mas como era um rapaz bem vistoso e meus pais não iam aceitar porque ele já era casado e tinha seis filhos, então fugi para casar com ele”.(Dona Mariana, 69 anos).

Apesar de toda vigilância que os pais tinham naquela época, os jovens conseguiam encontrar espaços de fuga, foi o que aconteceu com Dona Mariana, como já sabia que o pai não deixaria o namoro, a única solução foi fugir para que o pai fizesse o casamento.

As festas de rua também serviam como local de encontro, como também um momento de animação e que quebrava a rotina na vida dos habitantes da cidade. Mas não só quem residia na zona urbana participava das festividades. Era comum ver pessoas da zona rural, apesar de terem grande dificuldade por morar longe, mas sempre conseguiam uma forma de participar da festividade. E, apesar de toda a censura e proibições, sempre havia cortejos e galanteios durante a festa.

De acordo com Tancredo Torres¹³, explicita que sempre houve muito preconceito, e isso era perceptível na festa da Padroeira, Nossa Senhora da Conceição. Ele lembra que:

Naquela época, a diferenciação era sentida até mesmo no passeio pela cidade. A população da elite passeava no centro da cidade e o pessoal da camada pobre passeava mais afastado, em outra praça que existia. Na festa tinha carrossel, barraquinha de lanche, e de um lado estavam os pobres e do outro a sociedade da elite.(Tancredo Torres, historiador,80 anos).

As festas de rua eram espaços apropriados para diversas conversas entre as pessoas que dela participavam, o que não significa que todos ocupavam o mesmo espaço e da mesma maneira. A esses respeito Tancredo Torres explica:

A praça central era dividida em duas partes: à parte de lá passeava as moças pobres que eram as operárias da fábrica, as domésticas, e a parte de cá as moças ricas, era sempre cada qual na sua classe. E as festas

¹³ Historiador que reside na cidade de Areia desde os anos 1960.

eram sempre assim, como também em clubes, cinemas, etc. Nas festas de carnaval, a sociedade rica brincava no clube, e as camadas populares brincavam na rua. E assim, a sociedade era sempre dividida. (Tancredo Torres, historiador).

Como relata o historiador e morador da cidade de Areia, a praça era o lugar onde se observava uma nítida divisão social da cidade. A sociedade areiense de certa forma naturalizou esta divisão: pessoas pobres de um lado e ricas de outro. Havia uma regra que embora muitas vezes fosse quebrada gritava: Ricos não se misturavam com os pobres. Percebemos isto não apenas na praça, mas nas próprias ruas, havia lugares que pobres não poderiam frequentar, a própria Igreja Matriz da cidade de Areia, até meados do século XIX, separava ricos de pobres.

Mesmo com essa divisão, tanto no cotidiano da cidade quanto na zona rural havia um clima propício para encontros. Assim, uma brincadeira, uma missa, a festa de padroeira ou até um terço rezado na casa do vizinho poderiam ser apropriados e re-significados, isto é, transformados em espaços para o início de romances. Dona Estela recorda na época de namoro:

Quando se arranjava um namorado, se namorava com muito respeito. Se alguma moça dava uma fugidinha para namorar um pouco, mas era um namoro muito difícil. No dia que o rapaz vinha conversar com a namorada em casa, chegava na porta e perguntava logo pelo dono de casa, então o velho saía e ficava conversando na sala com ele e a moça não chegava nem perto, e assim era o namoro de uma moça respeitada. Uma vez perdida era que a moça podia conversar com seu noivo, quando iam para as novenas, que sempre tinha lá no sítio, ou quando ia para a festa da Conceição. Agora isso acontece uma vez na vida. (Dona Estela, 77 anos).

Diante desses depoimentos, é possível entender que a mulher era educada desde a infância para servir e ser dependente (se não materialmente, quase sempre simbolicamente) do homem seja pai, irmão, ou na ausência de um desses, qualquer outro. A menina não podia brincar livremente e cedo assumia tarefas domésticas; seus brinquedos pareciam mais treinamento para o futuro (boneca, panelinhas e vassouras).

As atividades rurais exigiam trabalho de colher, plantar, carregar água a uma certa distância, percebendo assim que não tiveram nem condições de estudar. E que não foi uma simples opção que fizeram. As condições de vida eram impostas pelas necessidades sociais de submissão ou pelas necessidades econômicas de subsistência. Poucas dessas mulheres tiveram direito à escolaridade, elemento capaz de garantir o direito de ingressar no mercado de trabalho qualificado e terem melhores condições de vida na velhice. Muitas mulheres desse momento seguiram o caminho que a sociedade legitimava como o mais “sublime” e “honesto”, ser mãe e uma excelente esposa. A elas foram dadas as

missões de supri-lo com amor, carinho e devoção, para que ele não sucumba. A elas foi pensada a tarefa de calar, silenciar diante de traições e tristezas, para que o seu lar não se desfizesse por “tolices” e “besteiras”.

Por outro lado não podemos deixar de explicitar que essas mulheres não conheciam outros modelos de vida, nem a deixavam conhecer, elas até poderiam aceitar sua condição de submissão. Claro que nos é estranho, acreditar que algumas delas iriam baixar sua cabeça para seus maridos, no entanto, devemos pensar que algumas mulheres dos anos 50 e 60 podiam não pensar em romper com os limites impostos a elas.

Capítulo II

Histórias de Casamentos: Um passeio pelas lembranças das donas-de-casa de Areia-Pb.

A História das mulheres não é só delas é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, de sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos.

Mary Del Priori¹⁴

Hoje se descortina ao historiador uma nova história que de acordo com Peter Burke, é uma reação ao *paradigma* tradicional. A história tradicional dizia respeito essencialmente à política, além de oferecer uma visão de cima e pensar a história apenas como uma narrativa de acontecimentos. Em contrapartida, a nova história começa a se interessar pela atividade humana onde *o que era considerado imutável é agora encarado como uma construção cultural, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço.*¹⁵

Os depoimentos individuais são capazes de representar uma época ou um grupo, uma vez que as experiências individuais, guardadas na memória necessitam ser contempladas. Nas últimas décadas houve uma significativa valorização qualitativa, resgatando as experiências individuais evidenciando as situações vividas paulatinamente ao impulso da História Cultural. Ao objeto histórico que fora definido como distante, velho e morto, em meados do século XX, lançam-se novos olhares. Expandem-se os debates em torno da memória e suas relações com a História, nesse sentido as subjetividades foram reconhecidas como um meio de pesquisa.¹⁶

Assim, a partir de Burke, observamos que a história das mulheres, em sua maior parte, tem procurado incluí-las como objetos de estudo, sujeitos da história, o que significa colocá-las em constante comparação com o homem, uma vez que essa diferença foi construída pelos discursos que circulam na sociedade. Nesse caso, toda reivindicação pela importância da história das mulheres significa ir contra as definições que foram tidas com “verdadeiras” e as reflexões sobre o que aconteceu no passado.

¹⁴ DEL PRIORE, Mary. “Apresentação”. In: DEL PRIORE, Mary (org). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006: 7-10p.

¹⁵ BURKE, P. *A Escrita da História*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992, 84p.

¹⁶ FERREIRA, Marieta de Moraes. *História e Tempo Presente In (Re) introduzindo a História Oral no Brasil*, José Carlos Sebe Bom Meihy (org.) São Paulo, Xamã, 1996, 10-19p.

O século XX teve como uma de suas marcas o desenrolar de pensamentos que colocavam a mulher como a “dona do lar”, o que não deixou de ser uma amostra do que podíamos perceber mais forte no século XIX, no Brasil.

No cotidiano de algumas mulheres, seus afazeres permaneciam ligados ao lar, ao marido e filhos, abdicando muitas vezes do que realmente tinham vontade de fazer, uma profissão, a vida artística ou o estudo.

É certo que muitas mulheres se destacaram no campo da música, uma vez que os anos 50 e 60, foram marcados por uma forte onda musical que embalou o país, como foi a Jovem Guarda e a Bossa Nova, movimentos culturais que lançaram nomes como Nara Leão, Wanderléia, Elis Regina, Maria Bethânia, entre outras.

Porém a maior parte das mulheres brasileiras neste momento, pareciam mais preocupadas em agradar seus maridos e família do que se aventurar por caminhos incertos e que não lhes traria nenhum benefício financeiro, porque a mulher permanecia ganhando menos que o homem em termos profissionais ou porque era preferível que a mulher se dedicasse a sua casa.

O casamento devia ser visto como algo sagrado o que nos remete ao discurso da Igreja, que via o mesmo como algo indissolúvel. O homem e a mulher possuíam direitos e deveres distintos. A ele cabia prover a sua casa de comida, mobília e pequenos reparos. A mulher deveria cuidar das atividades domésticas como cozinhar, lavar, passar e cuidar dos filhos e da casa, mantendo-a sempre em ordem e bem limpa para o agrado de seu marido, que podia a qualquer momento reclamar dos “serviços” mal feitos.

Pela herança patriarcal, ao homem era dada sempre a última palavra e cabia a mulher e os filhos aceitarem sem reclamações, mesmo que isto não fosse uma regra que era seguida por todas as mulheres, muitas não aceitavam tantas imposições. Esse trato conjugal escondia as relações de desequilíbrios existentes dentro do casamento. Ao homem era dado o direito de trair; a mulher o dever de aceitar. Ao homem era dado o direito de bater em sua esposa; a ela o dever de silenciar. Elas deveriam ser verdadeiras “prendas domésticas”, o bom desempenho de suas atividades domésticas, lhe renderia a boa manutenção de seu lar.

As esposas e mães do século XX especialmente das décadas de 50 e 60 herdaram idéias antigas. Elas sabiam da importância que tal sociedade dava ao casamento, sabiam que precisavam assegurar o bem-estar de suas relações, custasse o que custar. Podiam tolerar até uma traição, nem poderiam demonstrar ciúmes aos seus maridos, agüentariam tudo caladas. Seriam do casamento e tinham a convicção de que a felicidade do

casamento dependeria exclusivamente de seus esforços. Precisariam satisfazer os seus marido, com uma boa comida, cama e mesa bem arrumadas, roupas limpas e bem cuidadas e filhos bem encaminhados.

Algumas mulheres não tinham autoridade sobre si mesmas, não viam ou pelo menos não poderiam ver o sexo da mesma forma que o homem. Mulher “honesta” não poderia demonstrar desejo, nem exprimir vontade pelo sexo. A moralidade da época restringia a sexualidade feminina aos modelos de um casamento convencional, onde apenas o homem deve procurar a mulher para relações sexuais.

Por outro lado à moralidade favorecia as experiências sexuais masculinas até fora do casamento. Suas mulheres tinham que aceitar tal situação, pois a um bom casamento não poderia acabar por uma traição masculina. Sobre a traição feminina e masculina no casamento D. Estela diz que:

Quando era descoberto um caso desses, a mulher desaparecia ninguém nunca mais sabia dela ou vivia escondida; agora o homem, sempre foi danado, fazia as coisas debaixo dos panos, mas de vez em quando agente ficava sabendo e os boatos começavam a sair “fulano tem um caso com cicrano” mesmo o povo sabendo para o homem era normal enquanto para a mulher a coisa já era diferente, porque a sociedade exigia que as mulheres se desse respeito.(D. Estela, 77 anos, areiense, costureira).

4.Silenciar: amor ou medo?

Na fala de D. Estela percebemos os olhares de vigilância que a própria sociedade tinha sobre a mulher em termos de fidelidade ao casamento. Ao homem caberia o direito de trair, mas nunca de ser traído. A mulher adúltera era alvo de muitas injúrias e era motivo de falatório por muito tempo, principalmente se tratando de uma cidade pequena como era o caso de Areia. Muitas vezes nem colocavam mais o rosto para fora de suas casas, tinham vergonha do que se falava delas na cidade, eram apontadas e acusadas a todo o momento de traidoras, “rameiras” e outras denominações.

O silêncio em muitos casos pode ser entendido como uma resistência das mulheres dominadas de certa ira por seus maridos terem cometido alguma traição. D. Violeta nos relata que não poderia de forma diferente, deveria sempre fazer o esposo feliz, poderia até aceitar uma segunda mulher em sua vida, uma vez que não podia pensar em separação, pois estava de certa forma presa a alguém que lhe dá suporte

financeiro e que também tem que prover a educação do filho, principalmente se este for do sexo masculino. A entrevistada demonstra que não se sentia bem quando o marido chegava em casa embriagado, mas relata que teve que suportar tudo calada para não ver seu casamento acabar. Situação semelhante à de D. Violeta era a de D. Maria da Penha quando recorda que seu marido:

Ele saía com outras mulheres e eu sabia, mas não podia fazer nada, fazer o quê? Se falasse ele achava ruim e eu morava na casa de meus sogros, então eu tinha que aceitar calada. outra coisa, ele tinha um carro, então ia pra onde queria, saía de casa na sexta e voltava com três dias, então eu não falava nada para não aborrecê-lo. (Maria da Penha, 60 anos).

Ao analisarmos as falas das entrevistadas, falas que ficaram por tanto tempo tão guardadas, percebemos que todas elas aceitaram caladas as traições e bebedeiras de seus maridos. Não é difícil ainda na contemporaneidade, encontramos algumas mulheres que aceitam tal condição. Muitas não tomam tal atitude para não aborrecer o marido e assim perder toda uma vida de comodidade em família.

A mulher que pensasse em se separar, deveria saber de todos os problemas que iria enfrentar, caso viesse a se desquiticar de seu marido. Ela passaria a ser mal vista pela sociedade, ignorada pelas outras mulheres casadas, pelos homens e até por sua própria família. Muitas desistiam de separar-se e preferiam viver ao lado de homens violentos e que a traíam a todo o instante. No entanto, encontramos exceção a esta situação como foi o caso de D. Maria Mariana que relembrou:

Minha vida de casa não foi muito boa, ele bebia muito e batia em mim. Me maltratava demais e assim mesmo com todo sofrimento tive dez filhos. Passei ainda 19 anos com ele, até que meu filho completou 12 anos então resolvi deixar a casa e procurar outro lugar para mim e meus filhos, até hoje. (Maria Mariana, 69 anos).

A concepção de que a mulher é menos capaz, frágil, já não é mais aceita pelo universo feminino na contemporaneidade. A história por muito tempo se encarregou de produzir discursos que colocavam a mulher em lugar de inferioridade em relação ao

homem, que por muito tempo foi escrito como herói e redentor de todo o poder sobre as mulheres. Ela deveria sempre permanecer ao seu lado não importava as circunstâncias.



D. Maria Mariana 69 anos e seu esposo no dia de seu casamento.

Os limites que lhes foram impostos perpetuaram por um longo tempo, mas foram rompidos por diferentes discursos e ações que aqui não cabem ser discutidos, como foi o caso do Movimento Feminista e das discussões de gênero que empolgaram muitos pensamentos. Tancredo Torres revela que ouvia seus pais falarem sobre a mudança de costumes:

Naquele tempo não tinha isso modificou muito, eu ouvia tanto meu pai como minha mãe falarem muito sobre a mudança disso e daquilo, mas isso que acontece foi muito devagar, então de 60 e 70 pra cá as coisas avançaram demais em todos os sentidos, desde a Igreja. Então em casa especialmente, os costume modificaram-se rapidamente e daí eu acho que houve um dismantelo muito grande para a família e para o mundo. (Tancredo Torres)

A fala do historiador está carregada de uma atmosfera de nostalgia, quando o mesmo fala de um tempo em que acredita já ter passado e não volta mais. Ele lembra dos casamentos de outros tempos, em que a mulher era do lar, ali sim, era casamento. Gilles Lipovetsky¹⁷ reflete sobre as mudanças ocorridas no mundo feminino:

¹⁷ LIPOVETSKY Gilles A sagração da mulher ao lar. In A terceira mulher permanência e revolução do feminino, 203-257p.

Agora a idade de ouro da mulher de interior ficou para trás. Depois de um século marcado pela depreciação da mulher ativa, instalou-se um ciclo dominado por seu reconhecimento e sua valorização social. As democracias pós-modernas escrevem um novo capítulo da história das mulheres, o da pós-mulher do lar e assim os anos 60 inauguram um novo ciclo.¹⁸

Percebemos que as mulheres que se aventuravam fora do casamento não podiam esperar da sociedade nenhum perdão. As adúlteras podiam, além de serem duramente criticadas podiam ser castigadas, uma vez que a honra de seu marido dependia de seu bom comportamento.

A mulher poderia sofrer com a violência e até mesmo com o chamado crime passionnal, visto que o homem em um caso como este era freqüentemente perdoado pelas autoridades e até se livrava do título de assassino. Crimes dessa natureza eram entendidos como formas de limpar o nome e honrar a sua condição de homem e marido.

O homem infiel no casamento tinha outra situação. Se o homem fosse infiel a sua esposa, mas continuasse provendo sua família com os bens necessários, a esposa não poderia jamais se queixar da situação. O que mais ela podia querer? A infidelidade masculina era justificada por sua natureza instintiva, devido a seu comportamento poligâmico, fraqueza diante de mulheres, nesse caso a sociedade deveria entender e a mulher deveria ter paciência e aceitar tal comportamento.

5. Retratos de um vida: modelos de mulher.

No cerne formador da cidade encontram-se pessoas dos mais variados grupos sociais, dentre esses grupos estando mulheres da camada popular, as donas-de-casa e seu cotidiano repleto de lembranças e de histórias a serem resgatadas.

A exemplo, mais uma vez, da condição feminina no Brasil das décadas de 1920 a 1950, o lugar da esposa, de acordo com Horácio de Almeida¹⁹, era o interior da casa, sempre ocupada com os labores domésticos, lavando, engomando, costurando, cozinhando, fazendo tudo quanto pudesse, cabendo-lhe ainda, e acima de tudo, a responsabilidade de ser uma boa mãe de família.

Exigia-se dela, casa arrumada, comida na mesa, roupa passada e remendada, filhos cuidados dia e noite, um no

¹⁸ Idem Ibidem: 218

¹⁹ ALMEIDA Horácio de. Brejo de Areia, 2ª edição João Pessoa, Editora universitária.

colo e outro na barriga, sem a compensação de menor conforto ou carinho.²⁰

Mesmo em um período (1950-1960) em que a mulher ousava mais no Brasil, como é o caso do uso da mini-saia, vestimenta que chocava e “agredia as pessoas que primavam pelos bons costumes”, a mulher areiense ainda se mostrava numa situação diferente daquela observada no resto do país, quando observamos que na cidade de Areia, algumas mulheres, ainda permaneciam distante de uma realidade mais liberta e independente, uma vez que não acompanhavam os ditames e ousadias da moda feminina daquela época, nem haviam conseguido um espaço longe do campo privado em suas vidas.

A esse respeito, Dona Antônia Gomes da Silva que, mesmo sendo natural de Catolé do Rocha, reside em Areia desde 1960, lembra:

Gostei quando vim morar em Areia. Por parte foi bem melhor. Trouxe dois filhos nascidos em Catolé do Rocha e tive mais dois nascidos em Areia. Aqui foi muito bom porque facilitou o estudo para meus filhos, meu marido conseguiu emprego, mas vou lhe dizer: era melhor quando ele não tinha emprego, pois também não tinha outras mulheres, porque depois que meu marido conseguiu emprego, arranjou mulheres, terminando saindo de casa pra viver com uma, destruindo um casamento de 34 anos. (Antônia, 65 anos).



Dona Antônia com seu esposo e filhos ao chegar na cidade de Areia vindos de Catolé do Rocha

²⁰ Idem, Ibidem: 216.

Tal narrativa aponta uma certa impotência com relação aos desmandos masculinos em Areia, que sujeitavam as mulheres a um lugar de submissão e de aceitação a costumes corriqueiros que privilegiavam a condição masculina frente à abnegação feminina. Areia era melhor que Catolé do Rocha para essa senhora, não porque suas necessidades ou visibilidades, ou condições de emprego, ou notoriedades sociais lhe fossem apetecíveis, mas sim porque era melhor para os estudos das crianças. A abnegação de Dona Antônia em nome da família revela valores que são próprios de sua educação, o que pode ser percebido também em outras mulheres da época.

Ao entrevistar Dona Violeta e Dona Antônia, é possível perceber lembranças comuns quando em se tratando de suas condições frente à figura masculina, mais especificamente quando ambas relatam suas vidas conjugais, repletas de exemplos de infidelidade praticados por seus maridos.

Dona Violeta, 71 anos de idade, em seu depoimento diz: *Meu marido bebia muito e tinha outras mulheres, mas nem por isso eu deixei ele. Era firme, nunca desisti, suportando, e pensava nos meus filhos para criar.*

Ao rememorar esses fatos, Dona Violeta também deixa claro o que suportava em nome da família, pensando no bem estar dos filhos, dando a si mesma apenas o direito de chorar, sozinha, as mágoas e tristezas da situação em que se encontrava. Um choro silencioso de quem nada podia fazer diante desses problemas à não ser resignar-se.

Mesmo nos anos dourados, as mulheres de Areia tinham que usar a carapuça do medo, e ter como aliado apenas o silêncio:

Se o marido infiel mantivesse minimamente as aparências e continuasse provendo sua família com bens materiais, as esposas não deveriam se queixar. Afinal, a infidelidade masculina justificava-se pelo temperamento poligâmico dos homens – um fator natural que, mesmo quando considerado uma fraqueza, merecia a condescendência social e a compreensão das mulheres. Paciência e sacrifícios, integridade e determinação para manter a integridade da família.²¹

A memória dessas mulheres sobre suas condições de vida são capazes de remeter os estudiosos do assunto a um mundo vivido principalmente pelas camadas mais populares da

²¹ BASSANEZI Carla, “Mulheres dos anos dourados”, In Del Priore Mary (org.) História das Mulheres no Brasil, São Paulo contexto 2006, 635p.

população areiense, sendo ampliado por citações que comprovam de forma veemente seus relatos. Como afirma Horácio de Almeida:

Os casamentos davam certo, talvez mais de que hoje, mas isso se dava, acima de tudo, a um fator preponderante, que era a submissão da mulher – peça silenciosa do lar – sem noção da personalidade e tampouco sem possibilidades econômicas que lhes assegurassem independência. Reduzida a um ser humano protegido, resignava-se a desempenhar a função de procriar e, às vezes, até criar filhos naturais do marido. (ALMEIDA, 217p.)

Ao falar da sociedade areiense, o autor enfatiza o lugar da mulher e a sua responsabilidade para a concretização de um casamento feliz. A mulher por ser considerada uma “peça silenciosa do lar”, não opina, nem possui condições econômicas para se manter sozinha sem a ajuda de um marido. Permanecendo submissa seria capaz de manter um lar equilibrado. Sua função seria procriar e criar seus filhos e outros possíveis fora do casamento. Esta fala nos revela características de uma época que é lembrada com certo saudosismo pelo autor, uma vez que o mesmo faz menção que neste tempo “os casamentos davam certo”.

Em um outro momento, o mesmo autor, que inclusive se destaca como um dos mais significativos representantes sobre a História de Areia, afirma que:

Com o passar dos tempos, aconteceu à revolução branca, em virtude da qual a mulher emergiu da prisão com vontade de desferrar-se de prejuízos seculares, sem medidas de temporização. Atualmente, já se mostra capaz de nivelar-se com o homem, não somente na igualdade dos sexos, como também na conquista dos direitos políticos. O perigo que agora ocorre, na marcha em que andam as coisas, é o de masculinizar-se demais, a ponto de querer fazer do homem o que ele fizera dela nos séculos passados.²²

É perceptível a mudança da condição feminina, não só em Areia como também em várias partes do mundo entre as décadas de 1950 e 1960, mudanças essas que foram cada vez mais ampliadas com o transcorrer do tempo. Dona Etefvina, diz em seu depoimento:

As mulheres antigamente não tinham liberdade pra nada, era tudo difícil. Hoje em dia tudo mudou: tem liberdade, trabalha no que quer, e antes nem uma calça comprida a

²² Idem, Ibidem: 218p.

mulher podia pôr... Eu comparava elas com umas prisioneiras. (D.Etelvina, 62 anos).

As mulheres em Areia muitas vezes seguiam o modelo de mulher que a sociedade exigia. Mas, aos poucos, a mulher foi buscando a sua emancipação em todos os campos e agora não quer abrir mão da sua diferença, da sua feminilidade, sem com isso deixar de reivindicar melhores visibilidades nos espaços públicos e privados. Sobre tal aspecto Newton Marinho relata:

Com relação às atividades sociais do Brejo, havia em Areia um costume bastante interessante e civilizado, que era a realização dos famosos “assustados”, verdadeiras festinhas de integração familiar, realizadas nas casas das famílias, com alguns “drinks” e música para dançar. Uma quantidade razoável de rapazes e moças, convidados ou não, participavam desses encontros, com muita animação, entretanto no mais educado clima de harmonia e respeito.²³

Esses eventos eram muito importantes, pois facilitavam muito a vida das moças, possibilitando-lhes uma certa socialização, conhecendo ou revendo companheiros e também futuros maridos, e o melhor, que podiam ser escolhidos por elas mesmas, sem a interferência direta de seus pais.

5.1 Sonhos de Liberdade: A mulher emancipada?

Não era recorrente, mas algumas mulheres, com o despertar de sua consciência, começaram a sair sozinhas, indo a cinemas, causando um certo desconforto nos homens de então, desacostumados com tais práticas no que se refere às mulheres.

Com essa visão, percebe-se que o lugar da mulher no Brasil mudou em vários aspectos. À mulher paraibana cabe também uma nova visibilidade. Um processo gradativo que, juntando conquistas diversas em lutas constantes mais acirradas principalmente desde a década de 1920, assiste-se entre 1950 e 1960 uma gama de conquistas que se estende em diversos campos: social, profissional, econômico, político, burlando as leis de uma cultura machista de exclusão feminina.

A independência da mulher trouxe mudanças no sentido de que, se a mulher não está mais o tempo todo em casa, tudo muda na casa, se as mesmas possuem filhos, esses ficam sob os cuidados de outros e não da mãe o que era visto como uma ameaça a

²³ COELHO Newton Marinho. Na Intimidade de Areia, João Pessoa, A União 2001, 16p.

formação da criança, por esta razão acreditava-se que as famílias estavam desestruturadas.

A partir dos olhares dos autores aqui citados é possível perceber que o feminino realmente ganhou espaços irreversíveis no mercado de trabalho, como também no comportamento sexual e, obviamente, nas relações pessoais. Com isso, as mulheres foram chamadas a participar do processo de produção, e a educação se universalizou. Mudanças estruturais como essas tinham de influir, certamente, sobre os padrões morais e sociais.

Um outro aspecto levantado pelo autor Humberto C. de Melo²⁴ aborda é a condição do homem casado que, a exemplo do que acontecia nos primeiros anos do século XX, nas décadas em questão (1950 e 1960) continuou sendo uma prática constante: o direito a amantes. Mas, diferentemente do que ocorria no início, ou seja, que apesar de constituir essa poligamia quase uma regra geral, nas terras paraibanas não se denunciou nenhum caso de adultério, nas décadas seguintes a 1920, as mulheres ousaram denunciar, mesmo que de forma ínfima a infidelidade do esposo que, ainda assim, não sofria punição por seus atos, mesmo em se tratando de 1960.

As mulheres que trabalhavam fora de casa, por muito tempo não foram aceitas na sociedade. Porém nos anos 60, houve uma aclamação para o trabalho feminino fora do lar. O movimento feminista passou a focalizar suas acusações nas mulheres que não possuíam emprego e que dependiam de seus maridos ou pais. Nesse sentido, as atividades domésticas vão ser duramente criticadas pelo movimento, o sonho de tornar-se mãe e esposa dará lugar ao “pesadelo” para as mulheres revoltadas com tal situação. O que não se pode deixar de evidenciar, portanto, é a incessante busca da mulher em ocupar um espaço cada vez mais amplo, seja na família, na sociedade, ou no mundo profissional. No entanto, algumas mulheres viam esta situação com certa resistência, não aceitando muito bem a idéia de trabalhar fora de casa. Vejamos o que diz D. Maria Estela do trabalho depois de casada:

Casei com 18 anos, quanto à vida de casada, cada um tem seu jeito de ser, a minha mesmo foi enfrentar a família e muito trabalho. Nesse tempo já costurava pra fora aí foi chegando família e fui ficando cheia de trabalho. Mas como era nova e uma pessoa cheia de muita saúde então enfrentei tudo isso. (Maria Estela, costureira, 69 anos).

²⁴ MELO, Humberto C. de. Bases da sociedade paraibana escravidão, regime de família e propriedade, In: Paraíba conquista patrimônio povo: Por uma seleção de autores, João Pessoa, Grafset, 1993, 52p.

Muitas mulheres precisavam trabalhar para ajudar o orçamento doméstico. Os trabalhos mais pareciam uma extensão do lar, trabalhavam como operárias, domésticas, costureiras e principalmente como agricultoras. D. Maria Mariana recorda: *trabalhava no roçado pra ajudar nas despesas de casa, nunca deixei de trabalhar na roça, morava no sítio, plantando, colhendo, cuidando dos bichos.*

O que podemos perceber tanto na fala de D. Maria Mariana como na de D. Estela é que seus objetivos e desejos coincidem já que as duas mulheres queriam ajudar no sustento de suas famílias e assim estariam pensando no “bem-estar” tanto dos seus filhos como do marido. Posicionando-se contra esse contexto o historiador areiense Francisco Torres comenta:

É por causa de diversas atividades que a mulher permanece menos no lar, parece até que saindo de casa, elas se sentem bem, deixando a criação dos filhos, daí bem acredito que por isso venha a desorganização muito grande da família. (Francisco Torres)

As famílias da zona rural de Areia quase sempre desempenhavam trabalho nas lavouras, viviam da agricultura. Para isso, as mulheres tinham que trabalhar também no pesado. Os filhos trabalhavam ajudando seus pais desde cedo, por esta razão temos uma grande quantidade de senhoras que sempre recordam esse momento de suas vidas, desde cedo tiveram que trabalhar para ajudar nas despesas da família.

Para algumas mulheres em especial as mais abastadas, o trabalho não fez parte de sua juventude, estas puderam passar tempos e mais tempos a pensar e a sonhar com um futuro casamento, tecendo e bordando seus enxovais.

Mesmo depois de casadas algumas mulheres não puderam dedicar-se apenas ao lar. Precisaram ir em busca de uma profissão por necessidade. Muitos maridos se opuseram a esta opção, mas diante da situação por muitas vezes tiveram que conceder que suas mulheres deixassem seus lares para o trabalho. No entanto, estas mulheres não deixaram de serem boas mães e esposas, mesmo trabalhando fora de casa, elas também tinham seus afazeres domésticos. Como muitas não podiam pagar uma secretária do lar, além de trabalharem em outras ocupações tinham que desempenhar os seus papéis de dona de casa.

Precisavam cuidar dos filhos, levá-los para um passeio na praça e ainda assim trabalhar fora. Para onde olhamos hoje encontramos essa mulher. Porém, esta imagem de

mulher nos anos 50 e 60, não era algo fácil de se encontrar. Driblar os preconceitos e os valores de uma época que pensava a mulher como um ser restrito ao âmbito privado não foi uma tarefa em curto prazo. As transformações foram lentas e penosas, muitos sacrifícios e perdas.



Dona Violeta e filha no final da década de 1960.

Algumas mulheres areicenses se destacaram no cenário artístico, na música como foi o caso da maestrina Sílvia Perazzo Barbosa e a violinista Elzira Melo. O número de homens “ilustres” da cidade de Areia, sempre superaram a quantidade de mulheres que se destacaram no meio popular. Os biógrafos e escritores em geral, não dedicaram suas páginas a falar de mulheres notáveis na cidade de Areia. Mas elas estavam lá. Sempre estiveram.

A História na nossa contemporaneidade nos possibilita lançarmos um olhar sobre as “mulheres do lar”, mulheres que por muito tempo foram esquecidas e que hoje são escritas, escritoras e descritas. A história oral também surge como um instrumento que tem por objetivo dar voz às lembranças que estiveram esquecidas ou guardadas em pensamentos distantes.

Nesta perspectiva é evidente que em muitos aspectos as mulheres do contexto das décadas de 1950 a 1960, foram agentes e sujeitos de suas histórias, participaram de um processo em que muitas vezes tiveram que silenciar para não sofrer com um conjunto de

regras de condutas, protegidas por uma essência patriarcalista herdada de muitos anos. No entanto, como indivíduos atuantes puderam defender seus espaços e o que achavam serem corretos para suas vidas, foram de encontro e brigaram com certos valores tão cobrados pela sociedade. O estado de submissão já não pode ser mais definido como algo presente na vida de uma mulher contemporânea, porém certos resquícios ainda prevalecem na mentalidade de muitos, de homens e das próprias mulheres que ainda se definem unicamente como grandes esposas e mães.

Considerações Finais

Diante do que foi exposto nos capítulos, percebemos que as mulheres da década de 50 e 60 que vivem na cidade de Areia são também encontradas em obras que retratam a mulher. Seja em obras literárias ou em trabalhos historiográficos, as mulheres aparecem em diferentes enfoques, a que burla as regras, a submissa, a virgem e a leviana. Podemos encontrar várias obras que falam da mulher em várias especificidades, no entanto o que procuramos fazer foi dar espaço para que algumas donas-de-casa da cidade de Areia expusessem suas lembranças através de depoimentos orais.

Procuramos analisar as falas e depoimentos levando em consideração o contexto histórico dessas lembranças. Percebemos tais falas a partir de uma idéia já formada, de que o modelo de família da época tanto no Brasil quanto na Paraíba atestava uma mulher, que na maioria dos casos era submissa ao seu pai ou marido.

Essa mulher permanecia calada diante de injustiças que se abatiam sobre ela. Não reclamavam pela traição, bebedeiras de seus maridos, nem tão pouco a violência que eles cometiam contra elas.

Constatamos que em decorrência das condições de pobreza, algumas mulheres também se viam obrigadas a trabalharem e que em outros tempos era visto como um mal. Essas mulheres trabalhavam desde crianças em roçados e nas atividades domésticas, sendo impossível conciliar estudo e trabalho em muitos casos.

A mulher casada objeto de nosso estudo no segundo capítulo foi representada sob diversas imagens, onde entendemos que permanecer casada em uma sociedade que condenava o desquite era na verdade um “prêmio” para esta mulher.

Por outro lado, analisando a sociedade em meados do século XX, não podemos esquecer que algumas mulheres, não se importavam com a sua situação de submissão, muitas delas até decidiram calar-se diante de algumas situações, para não incomodar seus maridos. Outras mulheres abandonavam seus lares e passavam a viver com os filhos ou quando isto não era possível, viviam sozinhas, na sombra da sociedade, uma vez que esta não aceitava tal situação e a razão era dada sempre ao marido.

Essa decisão da mulher em deixar a sua família, para uma época em que tal atitude era tão imprópria, parece-nos um bravo ato de coragem, frente às adversidades da época. Tal temática já despertou o interesse de muitos historiadores, embora a discussão

em torno da mulher da classe popular deva ser abordada relevando seus aspectos sociais e culturais, levando em consideração suas vivências e interesses.

As idéias expostas nestas páginas nos fizeram refletir sobre a emergência de se produzir uma escrita da mulher comum, que sofreu todos os percalços por ser mulher. Tendo uma família ou não eram mulheres de anos em que deveriam baixar a cabeça para seus homens, seja pai ou marido. Devia cuidar de seus filhos como se não precisava cuidar mais de si, como quem não precisasse mais de diversão, carinho e paixões. Essas mulheres carregaram consigo mágoas que não puderam exprimir por muito tempo, mas que agora, mesmo que por meio de uma entrevista ou depoimento puderam falar o que em outros tempos guardaram dentro de si.

Referências Bibliográficas

- ÂNGELA Maria D'Incão, "*Mulher e família burguesa*" (org.) *História das mulheres no Brasil*, São Paulo, contexto, 2006.
- ALMEIDA Horácio de. *Brejo de Areia*, 2º edição João Pessoa, Editora universitária.
- BASSANEZI Carla, "*Mulheres dos anos dourados*", In Del Priore Mary (org.) *Historia das Mulheres no Brasil*, São Paulo contexto 2006, 601 a 639p.
- BERLTHOLDO Oscar, *Momentos de intimidade*, edições Paulinos, São Paulo, 1989.
- BERCÔ Elza, *Arranjos familiares no Brasil, Uma visão democrática*, In: *Historia da Vida Privada no Brasil*. São Paulo, 1998. Companhia das Letras.
- BOSI Ecléa, *Memória e Sociedade, Lembranças de velhos*, Ecléa Bosi-3º edição, São Paulo companhia das letras, 1994.
- BURKE Peter, *A escrita da história nova perspectiva*, São Paulo, UNESP, 1992.
- CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira. *De um patriarcalismo familiar a um estatal*. In: *Mulheres modernas, mulheres tuteladas: O discurso jurídico e a moralização dos costumes - Campina Grande 1930/1950*. Recife, 2000, 21-24p.
- COELHO Newton Marinho, *Na Intimidade do Brejo de Areia*, João Pessoa, A União 2001.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *História e Tempo Presente* In (Re) *introduzindo a História Oral no Brasil*, José Carlos Sebe Bom Meihy (org.) São Paulo, Xamã, 1996, 10-19p.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A sagração da mulher ao lar*. In *A terceira mulher permanência e revolução do feminino*, 203-257p.

PRIORE. Mary Del (org), BASSANEZI, Carla (coord.) *História das mulheres do Brasil*, 2 ed; São Paulo: Contexto, 1997, 510p.

ANEXOS

Moradores entrevistados na cidade de Areia-Pb

Senhora Maria Estela da Silva, 77 anos; entrevistada no dia 20/10/08.

Senhor João Clementino da Costa, 80 anos; entrevistado no dia 22/10/08

Senhora Rita de Cássia, 60 anos, entrevistada no dia 24/10/08.

Senhora Telvina Usulina Alves da Cruz, 62 anos; entrevistada no dia 27/10/08.

Senhora Antônia Gomes da Silva, 65 anos; entrevistada do dia 28/10/08.

Senhora Inês Almerinda da Silva, entrevistada do dia 29/10/08

Senhora Maria Violeta da Cruz, 71 anos; entrevistada dia 31/10/08.

Senhora Palmira do Santo Souza, 69 anos; entrevistada no dia 04/11/08.

Senhora Maria da Penha Mota Rodrigues, 60 anos; entrevistada no dia 05/11/08.

Senhor Francisco Tancredo Torres, 80 anos; entrevistado no dia 06/11/08.

Senhora Maria Mariana dos Santos, 69 anos; entrevistada no dia 07/11/08.